a Liahona

OUTUBRO DE 1964

STEREO

O PAI NOSSO

CÔRO DO TABERNÁCULO MORMON, **Dr. Richard P. Condie,** *Diretor*

THE PHILADELPHIA ORCHESTRA - EUGENE ORMANDY, Regente

Alexander Schreiner e Frank W. Aspor, *Organistas*

Pai Nosso *(The Lord's Prayer)*
Vinde, oh Santos! *(Come, come ye Saints)*
Bem-aventurados os que choram *(Blessed are they that mourn)*
Oh, meu Pai! *(O, my Father)*
Da Côrte Celeste *(How great the wisdom and the love)*

Sanctus, Sanctus, Sanctus *(Holy, Holy, Holy)*
Salmo 148 *(148th Psalm)*
Eis um menino nos nasceu *(For unto us a Child is born)*
As lamentações de Davi *(David's Lamentations)*
Londonderry Air

Vencendo com Jesus *(Battle Hymn of the Republic)*

MONAURAL - 60098

● Robertson: *Pai Nosso (The Lord's Prayer)*
Num arranjo relativamente novo, o Côro interpreta esta apreciada e conhecidíssima elocução cristã tal como se encontra na parte final do **Oratório do Livro dos Mórmons**, de Leroy J. Robertson. A cena é o Continente Americano, onde Cristo ressuscitado aparece entre as suas "outras ovelhas" e lhes ensina o mesmo evangelho que transmitiu aos judeus, inclusive esta sublime oração. A música tem marcadas conexões com o passado mais em sua acentuação de duração do que na sua acentuação dinâmica, e em suas linhas melódicas que diferem das do Canto Gregoriano. A sinceridade do estilo é típica de Leroy J. Robertson, natural de Utah, cuja posição como compositor genuinamente americano começa a ser reconhecida, tanto na América do Norte como em outros países. Estudioso de Chadwick, Leichtentritt e Bloch, o dr. Robertson revela em sua música uma linguagem que provem principalmente das montanhas e campinas do oeste e dos seus profundos sentimentos sôbre família e religião.

● Billings: *As Lamentações de Davi (David's Lamentations)*
Tanto quanto sabemos, William Billings (1746-1800) foi o primeiro compositor nascido na América a fazer da música profissão. Era antes curtidor, porém sua insatisfação diante da monotonia dos salmos usados pela igreja na época levaram-no a trocar o couro pelas pautas musicais. Se bem que grande parte das suas composições fosse vigorosa (inclusive **Chester**, um hino cantado pelas tropas americanas durante a Guerra de Independência), êle nos deixou nesta peça uma expressão profundamente comovente do pesar de Davi pela morte do filho, Absalão. O arranjo de Elie Siegmeister é singelo, respeitando a simplicidade da melodia.

● Londonderry Air: *(Arr. de Ralph Baldwin)*
Uma das coisas que atrairam a atenção do artista romântico do século XIX, ao examinar a vida através de lentes côr-de-rosa, foi o folclore de seu próprio país. Por qualquer razão, êle sentiu que a alma da nação estava tôda inteira na canção anônima do povo. Não poderíamos citar maior justificativa para êste interêsse do que **"Londonderry Air"** — trabalho de muitos campônios, cada qual tendo contribuido com uma pequena alteração na melodia. O resultado é uma canção que tem sido descrita como "a melodia perfeita" — motivo de inveja para muitos dos mais talentosos compositores citadinos. Tal como é cantada neste disco, no tom de mi-bemol, o contôrno melódico sobe três vêzes para a tonalidade de dó. Passa, então, para o tom de mi-bemol e finalmente, justamente quando os entendidos diriam que se iria atingir o ponto culminante, êstes afáveis campônios elevam intuitivamente a melodia até atingir a nota sol.

● Gounod: *Sanctus, Sanctus, Sanctus (Holy, Holy, Holy) (Sanctus, da Missa Solene)*
A voz de Richard Storrs abre esta linda e inspirada parte da Missa de Santa Cecília. Esta composição, um dos fragmentos universalmente mais apreciados da Liturgia Católico-Romana, revela as características francesas de pureza e sentimento religioso graciosamente apuradas, tão evidentes nas obras de Saint-Saëns e Massenet tanto quanto nas de Gounod.

● McIntyre: *Da Côrte Celeste (How Great the Wisdom and the Love)*
Outro hino de Eliza R. Snow, musicado por Thomas McIntyre, canta a gratidão pelas intenções e motivos que levaram o Salvador a ser "um sacrifício sem pecado pela culpa."

● Holst: *Salmo 148 (148th Psalm)*
Em contraste com o gracioso sentimento do francês Gounod ergue-se esta rude, porém majestosa manifestação do inglês Gustav Holst. Baseado nu'a melodia do Saltério Genebrês (1543) de L. Bourgeois e numa versão em versos do Salmo por Joseph Bryan (1620), a obra começa com o côro em oitavas vigorosas. A seguir o órgão toma conta da melodia enquanto se ouve uma delicada exposição de terças paralelas em forma de acompanhamento coral. Logo o puro timbre das vozes femininas neutraliza as masculinas, após o que é levada a um final contrapontístico que bem poderia provir do autor de "A Arte da Fuga". Os baixos entram em cena em tons tranquilizadores com a melodia do hino num crescendo e modulada ritmicamente de forma a ser ouvida como tempo duplo. Sôbre isto as outras vozes ondulam um contraponto no compasso ternário original, tôdas as partes construindo um glorioso "Alleluia" que requer dos sopranos um si-bemol alto.

● Gates: *Oh, Meu Pai! (O, My Father)*
Não foi por coincidência que Eliza R. Snow, que possuia profundo conhecimento dos ensinamentos do Profeta Joseph Smith, escreveu os versos para um dos cânticos mais doutrinàriamente significativos do hinário mórmon. Cantado com a música de u'a melodia de James McGranahan, o texto exprime a profunda saudade de um espírito separado, pelo nascimento, do seu celestial ambiente, e seu constante desejo de rehaver a presença do Pai e Mãe Celestiais. O arranjo do dr. Crawford Gates (aluno de Howard Hanson e Leroy Robertson) reflete o interêsse dêste jovem e talentoso compositor pelo colorido orquestral e coral, como se sente na trompa **obligato** no segundo verso, que soa nostàlgicamente junto às vozes masculinas quando estas cantam a alienação das almas a um mundo anterior.

● Wilhousky: *Vencendo com Jesus (Battle Hymn of the Republic)*
De uma experiência estética com as flôres de macieira de Londonderry, passamos para uma combativa versão do Segundo Advento como oferta final nesta coleção de música sacra nas suas mais diversas formas. Ao preparar o arranjo desta música, Peter J. Wilhousky transmitiu às palavras tradicionais de Julia Ward Howe uma apresentação orquestral-coral que nos traz simultâneamente à lembrança os sons de batalha e o esvoaçar de anjos. O ritmo acelera-se, é temporàriamente interrompido por uma secção pastoral na qual o côro masculino contempla "a beleza dos lírios", e, depois, parte para uma exclamação final de "Glória! Aleluia! Amén!"

Notas de *JAY WELCH*
Diretor-Assistente do Côro do Tabernáculo

"CBS" ® Marcas Registradas - Industria Brasileira

Gravado nos EE. UU. por Columbia Records, uma divisão da Columbia Broadcasting System, Inc.

índice

A chave de ouro 6

Milionésimo visitante no Pavilhão Mórmon 8

A MBS tem agora nôvo presidente 15

Notícias 18

Antes tarde do que nunca 23

Uma âncora para nossas almas 24

O guaraná 25

Liderança reúne-se em S. Paulo 25

ARTIGO ESPECIAL 26

Jóias do pensamento 3

Editorial 4

Jesus, o Cristo 9

Sacerdócio nas missões 16

Mensagem dos Mestres Visitantes 18

Juventude da Promessa 19

Poesia 31

a liahona

OUTUBRO DE 1964
VOL. XVIII — N.º 10

Órgão Oficial das Missões Brasileiras da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Editôres
C. Elmo Turner
Wayne M. Beck

Redatora
Diva Ferreira

Fotógrafo
Bruce LeRoy Christensen

Tradutoras
Laís Manzotti
Terezinha Cristina Costa

Circulação
Maria Tereza Covacs

PREÇOS:

Exterior: ANO	US$	4.00
No Brasil: ANO ...	Cr$	500,00
Exemplar:	Cr$	50,00

Missão Brasileira

R. Henrique Monteiro 215, C. P. 862, S. Paulo, SP, fone: 80-4638.

Missão Brasileira do Sul

R. Gen. Carneiro 490, C. P. 778, Curitiba, PR, fone: 4-8016

Os artigos desta edição foram traduzidos de The Improvement Era e The Instructor.

Registrado sob Nº 93 do Livro B, Nº 1 e Matrículas de Oficinas Impressoras Jornais e Periódicos, conforme Decreto Nº 4.857, de 9-11-1930. Composto e impresso na Edit. Gráf. Rossolillo Ltda. - R. Rui Barbosa, 333, S. Paulo.

Jóias do Pensamento

A LEI DO TRABALHO

RICHARD L. EVANS

A respeito do trabalho, Mark Twain disse uma curta e incisiva sentença: "Trabalho consiste no que quer que uma pessoa é obrigada a fazer e divertimento consiste no que quer que uma pessoa não é obrigada a fazer.

"O homem propositadamente indolente não tem lugar em uma sã e vigorosa comunidade", disse Theodore Roosevelt.

"O homem mais feliz é aquêle que trabalha duramente e com bom êxito em sua vida profissional. O trabalho pode ser feito de mil maneiras diferentes; com o cérebro, com as mãos, no escritório, no campo, ou na loja; se é trabalho honesto e responsàvelmente feito, é tudo o que nós temos o direito de pedir. Todo pai e mãe... se são prudentes, ensinarão seus filhos a não esquivar-se das dificuldades, mas a enfrentá-las e superá-las... o conhecimento de que a lei do trabalho é a lei fundamental de nossa existência nos ajudará a encarar os problemas que se apresentarem." (Theodore Roosevelt)

É evidente que não podemos separar trabalho e o que êle produz, da sensitiva, espiritual e criativa responsabilidade que temos dentro de nós. Não há separação rígida entre a linha espiritual, mental e material. A lei que Deus deu a Adão: "No suor do teu rosto comerás o teu pão..." (Gênesis 3:19), não foi meramente para o sustento físico, mas também uma lei para a salvação da alma.

Não podemos salvar um homem ou induzí-lo à sua maior felicidade, sem exitação, sem verificar tôdas as suas facetas, sem sua sincera, construtiva, justa, feliz contribuição do que êle é, do que pode fazer, do que precisa ser feito. Deixemos Phillips Brooks sintetizar o assunto: "Procure alimento na sua vida profissional".

"Não pense que depois de ter comprado ou vendido ou estudado ou ensinado, você irá até seu armário, abrirá sua Bíblia e reparará o dano e a perda que sua vida diária causou-lhe. Faça estas coisas acertadamente, mas também insista em que a compra, a venda, o estudo e o ensino o farão, por si mesmo, bravo, paciente, puro e santo! Não deixe suas ocupações ultrapassá-lo e sòmente deixar-lhe seus mais exíguos e mais pobres benefícios. Induza-os a dar-lhe a caridade, fé, caráter e tôda a bondade que há no seu coração..."

"Tudo mantém-se melhor, apenas aplicando-se nos melhores usos... o melhor caminho para fazer algo assentar no que foi primàriamente projetado, é colocá-lo naquela função... o melhor caminho de fazer u'a mente preguiçosa tornar-se capaz de pensar, é pensar com ela". (Phillips Brooks)

E o melhor caminho de equilibrar a vida e apreciar plenamente seus benefícios, é aprender a amar o trabalho.

EDITORIAL

PRESIDENTE DAVID O. MCKAY

Tôda a humanidade deseja felicidade. Todos têm o direito de ser felizes. Muitos sinceramente se esforçam para dar o máximo e o melhor de si mesmos. Surpreendentemente, entretanto, poucos entendem que um guia certo para tal empreendimento pode ser encontrado na declaração de Jesus de Nazaré: "Quem achar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida por amor de Mim achá-la-á." (Mat. 10:39)

Essa significativa passagem contém um valor mais secreto que a fama ou domínio, algo mais valioso que tôdas as riquezas do mundo. Mas a felicidade brota do íntimo. Não é possível comprá-la nem ordená-la. É um princípio ou padrão, cuja aplicação promete suplantar o desânimo e a melancolia com esperança e alegria; para encher a vida com contentamento e paz duradoura.

Quais são os padrões que trazem felicidade? Sinto com tôda a minha alma que o mundo deve reconhecê-los e você e eu devemos nos sentir alegres em nos preocupar com êles. Quais são alguns dos padrões?

O primeiro, a base da felicidade e paz neste mundo é fé em Deus. Grandes homens reconhecem certo poder no mundo, uma fôrça que está além da compreensão. Há alguns anos atrás foi perguntado aos principais cientistas do mundo se acreditavam em Deus e noventa porcento dêles disseram: "Sim". Mas a maioria não sabe como Êle é. Há certo poder ou fôrça; vêm em seu redor. Mas você não pode medir a eletricidade. Você não pode medir o átomo. O homem está bem no caminho do domínio do átomo, a maior fôrça que conhece. O homem é maior que qualquer uma das fôrças conhecidas por êle próprio.

Acreditamos que essa fôrça, êsse poder, que emana de algum lugar e que cria tôdas as coisas, é um Deus pessoal.

Igualmente importante para a fé em Deus é a crença no Filho Amado, através de quem Deus revelou-Se o único. "... nome ... dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos." (Atos 4:12)

Lembram quando um de Seus seguidores disse: "Senhor, mostra-nos o Pai..." E Jesus respondeu

O direito de ser feliz

"...Estou a tanto tempo convosco e não Me tendes conhecido, Filipe? quem Me vê a Mim vê ao Pai..." (João 14:8-9) Gosto de sentir que quando me ajoelho para orar estou orando a uma pessoa inteligente, personificando Deus, o Pai, que Cristo o Bem Amado personificou.

Um outro padrão ou princípio é o livre-arbítrio. Quando o Pai disse no começo "...poderás escolher segundo a tua vontade..." (Moisés 3:17) o homem tinha recebido uma parte da divindade de Deus. Nenhuma outra de suas criações tem o poder para escolher. Você pode fazer o bem ou o mal. Pode dizer "sim" ou "não".

O livre arbítrio não apenas para pensar, mas para falar, agir e trabalhar é um privilégio dado por Deus.

Jacó, o profeta do Livro de Mórmon, ensinou:

"Reanimai, pois, vossos corações e lembrai-vos de que estais livres para agir por vós mesmos; para escolher o caminho da morte eterna ou o da vida eterna." (2 Nefi 10:23)

E o Senhor deu-nos isto nesta dispensação:

"Pois a terra está repleta, e há bastante e até de sobra; sim, Eu preparei tôdas as coisas, e permiti que os filhos dos homens fôssem os seus próprios árbitros."

Há um outro padrão que devemos acarinhar e agradecer a Deus — o poder de auto-contrôle. Um homem que se submete à tentação não é feliz. Uma mulher que se submete a todos os impulsos não é feliz. Ela tem prazer, sim. O homem sente prazer na indulgência. Mas, isto é o que acontece com todos os animais. Entretanto, a indulgência não é atributo do homem. Não conduz à Deidade. Essa promoção requer esfôrço, resistência, triunfo. A cotovia canta e sobe em virtuda da oposição do ar, e canta quando sobe.

É a verdade da paradoxal afirmação "quem perder a sua vida achá-la-á" tão ilusória que a humanidade não pode alcançá-la? Ou os homens consideram-na impraticável por estar tão em conflito com a luta pela existência?

Permanece o fato que aquêle que é "o Caminho, a Verdade, e a Vida" estabeleceu aqui uma lei imutável, obediência à qual melhorará as condições sociais e econômicas em que "A falta de humanidade do homem para com o homem faz com que milhares pranteem."

Esta lei especìficamente é: "Vivemos mais completamente nossas vidas quando lutamos para fazer o mundo melhor e mais feliz."

Aprecie as coisas que você tem, se deseja ser feliz, não almeje alguma coisa fora de seu alcance. A apreciação das coisas que o rodeiam é um dos padrões do evangelho. Confio isto aos pais e espôsos, aos jovens e adolescentes que se desanimam e sentem que seus amigos têm coisas que êles não têm. Fiquem satisfeitos com as coisas que têm e tirem o máximo delas, porque vocês têm muito mais por seus pais serem casados no templo de Deus, e vocês serem seus filhos para tôda a eternidade.

Vocês que são santos dos últimos dias sabem sem sombra de dúvida quantas bênçãos, privilégios e mesmo oportunidades há no evangelho quando uma pessoa ativamente se engaja nas atividades da Igreja.

A felicidade resulta de obediência, por viver os padrões do evangelho de Jesus Cristo. A obediência aos padrões da Igreja sempre traz felicidade.

Que Deus abençôe vocês, jovens, para que tenham poder para manter brava e corajosamente os padrões da Igreja onde quer que estejam. Sejam suficientemente valentes e corajosos para manter a dignidade. Conservem a sua beleza e sua virtude, jovens. Que todos nós como membros da Igreja, demos exemplo ao mundo, guardando os princípios do evangelho de Jesus Cristo.

"A felicidade é o objeto e desígnio de nossa existência", disse o Profeta Joseph Smith; "e será o fim, se prosseguirmos no caminho que leva a ela; e êste caminho é a virtude, retidão, fé, santidade e observância a todos os mandamentos de Deus." (DHC, vol. V, pp. 134-135) Se o evangelho dá salvação ao homem, e certamente dá, a felicidade é o atributo que cada um deve possuir. Que todos nós lutemos para sermos verdadeiramente felizes!

A Chave de Ouro

Por *BERNARD SABATH*

Num inverno bem rigoroso, Ray Burke ficou 8 semanas no hospital com uma doença que nenhum médico conseguia diagnosticar. Sempre teve boa saúde, além de alguns resfriados. Durante cinqüenta anos foi um homem ativo, cheio de entusiasmo pela vida. Subitamente aparece a inexplicável doença; fraqueza e fadiga; testes e hospitalizações; e o persistente mistério.

Tôdas as tardes, sua bonita espôsa vinha visitá-lo, de ônibus ou de taxi, pois não sabia guiar o carro. Trazia-lhe alegria, beleza e as cartas que porventura tivesse recebido de seus quatro filhos.

Muitas vêzes ficava em sua cama no hospital, pensando. Sua espôsa, como em resposta a seus pensamentos, dizia-lhe: "Você é mesmo um paciente misterioso, como diz o Dr. Jones. Durante as visitas de sua espôsa, depois de se consolarem e alegrarem um ao outro, começavam a fazer planos para o futuro. O Dr. Jones aconselhara repouso e Ray pensou que seria mesmo uma boa idéia "Vou ficar em casa consertando as janelas e as cêrcas".

"Há mais alguma coisa", disse Eleanor vivamente: "Vou ensiná-lo a fazer os pratos que você gosta". Enquanto falava, êle começou a estudá-la irônicamente. Ela mudou de posição, embaraçada. "Tive essa idéia no ano passado, quando fiquei no hospital por causa daquêle falso alarma. Quero mesmo ensiná-lo a cozinhar".

Ray inclinou a cabeça "Eu estive pensando em ensiná-la a guiar, Eleanor".

Eleanor assustou-se, mas disfarçou imediatamente com um sorriso: "o ônibus tem me servido tão bem; deixa-me pràticamente à porta de casa, replicou; e sempre que preciso sair à tarde, você me leva com o carro".

"Compreendo, querida", disse olhando-a nos olhos. "Você, na realidade, tem razão".

Quando voltou para casa, em princípios de abril, suas fôrças começaram a voltar aos poucos, tão misteriosamente como quando o haviam deixado.

Logo procurou comprar um presente para Eleanor.

Entregou-lhe o pequeno embrulho, que ela vagarosamente abriu. "O que será"?

Então, acabando de desembrulhar, viu dentro de uma pequena caixa, um par de chaves de ouro. "Justamente o que sempre desejei", murmurou. Mas seu sorriso não confirmava o que dizia.

"Começarei com as lições amanhã de manhã", disse Ray.

"Você gosta mesmo de fazer surprêsa", disse vivamente". Mas querido, você não acha que é um pouco cêdo para começar a me ensinar? Não temos pressa, você sabe".

"Eu me sinto muito bem", respondeu Ray. Vamos devagar. Se me cansar depois de meia hora, pararemos".

"Está bem", concordou. Mas à tarde, enquanto lia o jornal, decidiu ir à cidade no dia seguinte bem cêdo, pois queria ver a liquidação de vestidos de primavera, que a Casa Walcott estava fazendo. A lição teria que esperar.

Antes de ir para a cama, pôs as chaves de ouro dentro de uma gaveta da penteadeira, embaixo de algumas peças de lingerie.

Alguns dias mais tarde, quando Ray sugeriu que começasse as lições, Eleanor respondeu que tinha um encontro com Helen Ealsh na biblioteca, para planejarem um programa para o grupo de amigos.

Uma semana depois, durante o café da manhã, Ray disse "Hoje nós vamos começar as lições". Eleanor respondeu: "Muito bem, mas primeiro temos que consertar as janelas e colocar as telas". Isso levou a manhã inteira, pois Ray não podia fazer muito esfôrço; e tinha que repousar durante a tarde.

Numa manhã de maio, quando Ray mencionou as lições, Eleanor começou a escrever cartas. "Agora que você está melhor, temos que contar a nossos filhos sôbre sua doença. É justo". Ela escreveu quatro cartas e Ray adicionou um post-scriptum a cada uma.

Durante as semanas seguintes, apareceram tôda sorte de imprevistos. Frank e Helen casados, tendo cada um sua família, escreveram a Eleanor e Ray, pedindo-lhes que se mudassem para o oeste, junto dêles. Ray Júnior, solteiro e professor em Denver, ofereceu-lhes sua casa.

Quando respondia algumas cartas, certa noite, Eleanor parou para olhar ao redor da sala de estar. Seu olhar parou em Ray, que estava lendo um romance que há muitos anos iniciara, e nunca terminara. "Para tranqüilizar nossos filhos; disse-lhes que não se preocupassem conosco, pois estamos felizes e tudo vai bem".

"Sim, é melhor tranqüilizá-los". E voltou a ler o livro.

Eleanor estudou seu rosto. Parecia-lhe ter ouvido um acento estranho em sua voz. Talvez fôsse sua imaginação.

Numa tarde, ela pediu que lhe fizesse certos arranjos na cozinha; outra, mostrou-lhe como temperar uma salada como êle tanto gostava. Mas cada vez que êle menciona as lições de guiar, ela se tornava subitamente tão ocupada, com tantas coisas para fazer!

Certa vez Ray até tentou oferecer-lhe um carro próprio, mas ela respondeu que não o iria usar muito, o que seria o mesmo que jogar dinheiro fora. Perguntou-lhe se ela preferia um professor profissional, mas ela respondeu:

"Claro que não, Ray. Eu quero aprender com você."

Mas ela continuava dando desculpas e êle começou a pensar que ela não estava mesmo interessada em aprender a guiar.

Em junho, passaram quase todos os dias ocupados com o jardim. Ela plantou as flôres, enquanto Ray podava a grama, aproveitando o bonito sol de verão.

Depois de escrever uma carta, certa noite, Eleanor olhou para Ray e disse: "Eu não consigo convencer Helen de que tudo vai bem e que o mêdo já passou".

Êle pôs o jornal de lado: "Já passou mesmo?"

"Não entendo o que você está dizendo, querido".

"Você está com mêdo? É isso que eu quero dizer".

Ela forçou um sorriso; "Que pensamento absurdo. É claro que não estou com mêdo. Nós estamos juntos e eu o amo. É isso que importa".

Ray pegou novamente o jornal, mas Eleanor estava certa de que não o havia convencido. De fato, a seu próprio ouvido, aquêle "eu o amo" soara tão fraco!

Ela não conseguira saber porquê. Em todos êstes anos, nós dissemos "eu o amo" tantas vêzes e de tantas maneiras: com palavras, presentes ou mesmo outros gestos menores! O que êle quer mais?

Mas lá dentro, bem no fundo do coração, ela sabia. Sabia que não devia recusar seu gesto de amor. Subiu para o quarto, abriu a gaveta da penteadeira, onde guardava sua lingerie. No fundo, seus dedos tocaram as chaves de ouro, que estavam bem frias. Pegou-as, segurando-as por uns minutos e odiou-as, porque representavam as chaves da coragem que ela não tinha. A coragem de ser auto suficiente, de prosseguir sozinha quando seu marido se fôsse. Odiou aquelas chaves e tudo o que elas significavam. Gostaria de escondê-las num lugar bem secreto, onde ninguém, mas ninguém mesmo, pudesse achá-las.

"Porque não posso ser como Ray? Murmurou. Lembrou-se de quando o ensinava a cozinhar, como êle ficava atento ao menor gesto. Era muito bom aluno, embora os mistérios da cozinha não fôssem a coisa mais interessante para êle aprender; êle que havia vencido há tão pouco tempo a doença. Lá no hospital, sempre o chamavam mesmo de paciente misterioso.

Mas quem era o paciente misterioso agora? Muito bem. Ela admitiu a si mesma que vivia com mêdo já há muito tempo. E ainda estava vivendo. Respirou fundo. Tinha sido tão fácil amá-lo nestes últimos vinte e cinco anos! Agora era tão difícil! Forçou um sorriso. Voltou à sala de estar, com as chaves na mão. A luz batia sôbre elas e então se fazia refletir na parede.

"Ray, que tal você me dar uma aula amanhã? Acho que agora estou pronta!"

Seus olhos se voltaram para ela, com amor. "Logo depois do café da manhã."

Ela assentiu. Então a prova era esta? Segurar com muita firmeza as chaves e usá-las?

Eu o amo o suficiente para me preparar para viver sem você, disse silenciosamente. Era isso mesmo que êle queria que ela dissesse, mas sabia que nunca conseguiria.

Talvez não houvesse mais necessidade mesmo. A porta do mêdo estava fechada; a porta da coragem estava aberta; a paciente misteriosa estava curada.

"Logo depois do café da manhã". disse como um eco.

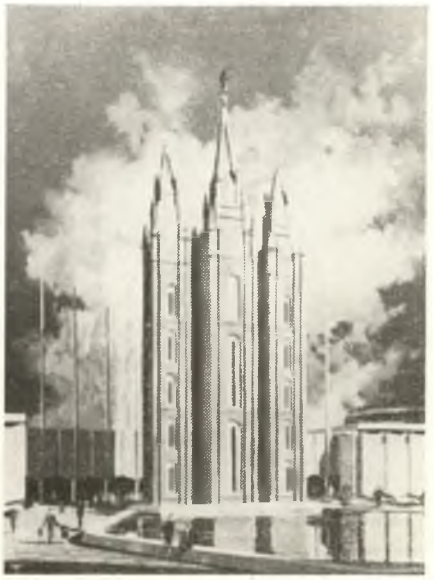
MILIONÉSIMO VISITANTE NO PAVILHÃO MÓRMON DA FEIRA MUNDIAL

"O Pavilhão Mórmon na Feira Mundial de Nova York é um dos maiores esforços missionários empreendidos na história da Igreja." Foi esta a opinião das Autoridades Gerais e outros líderes da Igreja quando passou pelo Pavilhão o milionésimo visitante e foi recebido e cumprimentado calorosamente pelos missionários. Êste acontecimento deu-se no 59º dia da Feira, quando o número de visitantes já ultrapassava a casa dos 10 milhões.

Élder Bernard P. Brockbank, diretor do Pavilhão informou que foram designados 90 pregadores da Missão dos Estados Ocidentais dos Estados Unidos, com sede na cidade de Nova York, para fazerem demonstrações e explicarem alguns princípios do evangelho e da história da Igreja.

"O Pavilhão centraliza-se no espírito dos missionários. Êsses jovens têm a oportunidade de pregar o Evangelho e prestar seus testemunhos todos os dias a centenas de pessoas de tôdas as religiões e nacionalidades" — disse Élder Brockbank.

Das 18.000 pessoas que diàriamente visitam a exposição, cêrca de 320 preenchem cartões de referência indicando que desejam saber mais a respeito da Igreja.



JESUS, O CRISTO

CAPÍTULO XV

O SENHOR DO DIA DE DESCANSO

JAMES E. TALMAGE

O DIA DE DESCANSO DISTINTIVAMENTE SAGRADO PARA ISRAEL

A observação do Dia de Descanso como dia santo era proeminente entre os requisitos do Senhor de Seu povo, Israel, desde os primórdios de sua história como nação. Na verdade, a observação do Dia de Descanso como um dia de suspensão do trabalho ordinário era uma característica nacional, pela qual os israelitas eram distinguidos dos povos pagãos, e assim, a santidade do Dia de Repouso converteu-se no sinal do convênio entre o povo escolhido e seu Deus. A santidade do Dia de Descanso foi predeterminada no evento da criação, antecedendo a colocação do homem sôbre a terra, como mostrado pelo fato de que Deus descansou depois de seis períodos ou dias de trabalho criativo, e abençoou o sétimo dia e o santificou.[a] Durante o êxodo de Israel, o sétimo dia foi escolhido como Dia de Descanso, no qual não era permitido assar, ferver, nem preparar alimento de alguma outra forma. Um suprimento de maná devia ser guardado no sexto dia, enquanto nos outros dias, era-lhes expressamente proibido guardar um excedente dêste pão cotidiano enviado do céu. O Senhor observava o caráter sagrado do dia santo não dando maná nessa ocasião.[b]

O mandamento de celebrar rigorosamente o Dia de Descanso tornou-se definitivo e explícito no decálogo, escrito pela mão de Deus no meio da imponente glória do Sinai; e a injunção era relembrada ao povo através de freqüentes proclamações.[c] Era ilícito acender fogo naquele dia; e registra-se que um homem foi condenado à morte por recolher lenha no sétimo dia.[d] Sob a administração de profetas posteriores, a santidade do Dia de Descanso, as bênçãos prometidas aos que santificassem o dia e o pecado do desrespeito do Dia de Descanso foram reiterados em palavras de vigor inspirado.[e] Neemias fêz admoestações e reprovações sôbre êsse assunto, e atribuiu a aflição do povo à perda da graça de Jeová em virtude da violação do Dia de Descanso.[f] Pela bôca de Ezequiel o Senhor afirmou que a instituição do Dia de Descanso era um sinal de convênio entre Êle e o povo de Israel; e com forte severidade reprovou aquêles que não observavam o dia.[g] Para o ramo desgarrado da nação israelita que havia colonizado o hemisfério ocidental, o respeito à santidade do Dia de Descanso era uma exigência não menos imperativa.[h]

No entanto, a observação que se exigia era o contrário da aflição e cargas; o Dia de Descanso era consagrado ao repouso e justo gôzo, e devia ser o dia de festa espiritual diante do Senhor. Não era estabelecido como um dia de abstinência; todos podiam comer, porém tanto a ama como a criada deviam ser dispensadas do trabalho de preparar alimento; nem o asno, nem homem algum devia arar, cavar ou fazer qualquer outro trabalho. O Dia de Repouso semanal beneficiava não só o gado como seu próprio dono.

Em adição ao Dia de Descanso, o Senhor em misericórdia prescreveu também um ano sabático; cada sétimo ano a terra deveria descansar e, portanto, aumentava sua fertilidade.[i] Depois de passado sete vêzes sete anos, o cinqüentenário devia ser celebrado como o ano do jubileu, durante o qual o povo deveria viver do aumento acumulado nas estações precedentes de abundância, e regozijar em liberalidade, outorgando-se uns aos outros a redenção do compromisso e obrigação moral, o perdão das dívidas e o alívio geral das cargas — tudo devia ser feito com misericórdia e justiça.[j] Os Sábados estabelecidos pelo Senhor, se dias, anos ou semanas do ano, deviam ser ocasiões de refrigério, alívio, bênção, abundância e adoração.

Para os que interpretam a necessidade de trabalhar como parte da maldição provocada pela queda de Adão, o Sábado deveria parecer um dia de temporário descanso, tempo de isenção de trabalho e como uma oportunidade abençoada de aproximação da Presença da qual a humanidade foi afastada em virtude do pecado. E, para aquêles que têm uma visão mais elevada da vida, e encontram no trabalho tanto felicidade como bênção material,

a. Gen. 2:3. b. Exo. 16:16-31.
c. Exo. 20:8-11; 23:12; 31:13-15; 34:21; Lev. 19:3; 23:3; Deut. 5:12-14.
d. Exo. 35:3; Num. 15:32-36.
e. Isa. 56:2; 58:13; Jer. 17:21-24.
f. Nee. 8:9-12; 13:15-22.
g. Eze. 20:12-24.
h. Livro de Mórmon, Jarom 1:5; Mosiah 13:16-19; 18:23.
i. Lev. 25:1-8; compare 26:34, 35.
j. Lev. 25:10-55.

o repouso periódico que traz refrigério e produz um vigor renovado para os dias que se seguem.

Mas muito antes do advento de Cristo, o propósito original do Sábado tornou-se grandemente ignorado em Israel; e o espírito de sua observação foi sufocado pelo pêso dos regulamentos rabínicos e o formalismo das proibições. No tempo do ministério do Senhor, eram inumeráveis as interpretações técnicas prescritas como regras e atribuídas à lei; e a responsabilidade que desta forma se havia imposto ao povo tornou-se quase insuportável. Dos muitos requisitos sãos da lei de Moisés, que os mestres e legisladores espirituais dos judeus tornaram pesados, a observação do Dia de Descanso era especialmente proeminente. A "cêrca" com que injustificadamente pretendiam amparar a lei[l] estava particularmente coberta de espinhos nas seções referentes ao Dia de Descanso judeu. Mesmo as infrações insignificantes das regras tradicionais eram severamente castigadas e a pena capital era conservada diante dos olhos do povo como uma suprema ameaça em caso de extrema profanação.[m]

A CURA DE UM PARALÍTICO NO SÁBADO

Em vista destas condições, não ficamos surprêsos de encontrar nosso Senhor quase desde o princípio de Sua obra pública sendo acusado de violação do Sábado. O evangelho de João registra um exemplo como muitos importantes incidentes, incluindo a narrativa de um milagre muito impressionante. Jesus estava novamente em Jerusalém, na ocasião de uma das festas judias.[o] Havia um tanque de água, chamado Betesda, perto do mercado de ovelhas da cidade. Segundo a descrição registrada, podemos entender que se tratava de uma fonte natural; possìvelmente a água era rica em sólidos ou gases dissolvidos, ou ambos, tornando-a o que chamamos hoje de fonte mineral; pois sabemos que a água tinha reputação de possuir virtudes curativas, e muitos que padeciam de aflições íam ali se banhar. O manancial era intermitente; em determinados intervalos as águas subiam borbulhando, e então voltavam ao nível normal. As fontes minerais desta espécie são conhecidas hoje em diversas partes do mundo. Alguns acreditavam que a agitação periódica das águas de Betesda era resultado de uma intervenção sobrenatural; e dizia-se que "o primeiro que ali descia, depois do movimento de água, sarava de qualquer enfermidade que tivesse". O tanque de Betesda ficava total ou parcialmente fechado; e haviam sido construídos cinco alpendres para abrigar aquêles que esperavam o movimento intermitente das águas.

Num certo Sábado, Jesus visitou o tanque e viu muitos enfermos lá esperando. Entre êles havia um homem que há trinta e oito anos tinha sido gravemente afligido. De suas palavras sôbre sua condição débil podemos inferir que sua doença era paralisia, ou possìvelmente uma forma extrema de reumatismo; qualquer que fôsse sua aflição, era tão profunda que lhe dava pouca chance de entrar no tanque quando as águas no momento preciso, porque outros menos enfermos lhes adiantavam; e, de acôrdo com as lendas sôbre as propriedades curativas do manancial, sòmente o primeiro que entrava no tanque depois da agitação das águas é que podia ter esperanças de ser curado.

Jesus reconheceu no homem uma pessoa digna de ser abençoada, e disse-lhe — "Queres ficar são"? A pergunta foi tão simples e quase pareceu supérflua. Naturalmente que o homem queria ser curado e esperava paciente e ansiosamente a pequena oportunidade de poder alcançar as águas. Entretanto, o Mestre tinha um propósito com estas palavras, como em tôdas as outras. A atenção do homem então se fixou n'Êle; a pergunta provocou no coração do sofredor uma renovada ansiedade pela saúde e fôrça das quais havia sido despojado nos dias de sua juventude. Sua resposta foi lastimosa e revelou seu quase débil estado mental; pensou apenas nos rumores das virtudes do tanque de Betesda, quando disse: "Senhor, não tenho homem algum que quando a água é agitada, me meta no tanque; mas, enquanto eu vou, desce outro antes de mim". Então falou Jesus — "Levanta-te, toma a tua cama e anda". Imediatamente ressurgiu a fôrça naquele homem, que por quase quatro décadas era inválido; êle obedeceu ao Mestre, e, tomando seu pequeno colchão ou padiola na qual se deitava, se foi andando.

Não estava longe quando os judeus, isto é, alguns dos oficiais, pois assim o evangelista João emprega o têrmo, viram-no carregando sua cama; e era Dia de Descanso. A sua peremptória reprimenda respondeu com gratidão e simplicidade honesta de seu coração, que quem o havia curado lhe havia dito que tomasse sua cama e andasse. O interêsse dos inquisidores voltou-se instantâneamente do homem para Aquêle que tinha feito o milagre: mas o que era anteriormente paralítico não podia nomear a seu Benfeitor, pois havia perdido Jesus de vista entre a multidão, antes que tivesse tido oportunidade de lhe agradecer ou perguntar-lhe o nome. O homem que havia sido curado foi ao templo, possìvelmente impelido por um desejo de expressar em seu agradecimento e alegria em oração. Lá Jesus o encontrou e disse-lhe: — "Eis que já estais são; não peques mais, para que não te suceda alguma coisa pior.[p] Provàvelmente o homem havia adquirido a doença através de seus hábitos pecaminosos. O Senhor decidiu que êle havia sofrido o suficiente em seu corpo e pôs fim a seu sofrimento físico com a subseqüente admoestação de que não pecasse mais.

O homem foi e contou aos oficiais quem era O que o havia curado. Isto êle deve ter feito com o desejo de honrar e glorificar o Doador de seu benefício; não há justificativa para não atribuir-lhe qualquer propósito digno, embora por seu ato tenha sido instrumento para aumentar a perseguição de seu Senhor. Tão intenso era o ódio da facção sacerdotal que os oficiais procuraram um meio de levar Jesus à morte, com o pretexto de que havia profanado o Dia de Descanso. Podemos perguntar com qual ato êles podiam esperar condená-lo, mesmo com a aplicação de suas leis mais estritas. Não havia qualquer prescrição contra falar no Dia de Descanso; e Jesus tinha apenas falado para curar. Êle não havia carregado a cama do homem, nem tentado efetuar mesmo o mais leve trabalho físico. De acôrdo com sua própria interpretação da lei, não tinham qualquer acusação contra Êle.

l. Leia o capítulo 6. m. Nota 1, no fim do capítulo.
n. João, capítulo 5.

o. Nota 2, no fim do capítulo.
p. Veja outro exemplo, no capítulo 14.

A RESPOSTA DO SENHOR AOS JUDEUS ACUSADORES

Não obstante, os oficiais judeus fizeram acusações contra Jesus. Pouco importa que a entrevista tenha sido feita dentro das paredes do templo, na rua, no mercado ou no tribunal. Sua resposta às acusações não se relacionou com a observação do Dia de Descanso; mas é o sermão mais compreensivo das escrituras sôbre o vital assunto da relação entre o Pai Eterno e Seu Filho, Jesus Cristo.

Sua primeira sentença adicionada à já intensa raiva dos judeus. Referindo-se à obra que havia feito no dia santo, disse "Meu Pai trabalha até agora e eu trabalho também". Esta afirmação êles interpretaram como uma blasfêmia.[q] Portanto os judeus procuravam ainda mais para O matar, porque Êle não apenas tinha quebrado o Sábado, mas dito também que Deus era Seu Pai, fazendo-Se igual a Deus". A seu protesto expresso ou não, Jesus respondeu que Êle, o Filho, não estava agindo sòzinho, e que de fato, não podia fazer nada exceto o que estava de acôrdo com a vontade do Pai, e o que havia visto o Pai fazer; que o Pai amava o Filho de tal maneira que mostrava por Êle as Suas obras.

Seja observado que Jesus de forma alguma tentava explicar a interpretação feita por êles de Suas palavras; pelo contrário, confirmou sua dedução como correta. Associou-Se com o Pai, em uma relação mais íntima e exaltada do que podiam conceber. A autoridade a Êle dada pelo Pai não se limitava à cura das enfermidades corporais; Êle tinha poder mesmo para levantar os mortos. "Pois, assim como o Pai ressuscita os mortos, e os vivifica, assim também o Filho vivifica aquêles que quer". Ademais, lhe havia sido concedido o julgamento dos homens; e ninguém poderia honrar o Pai, exceto honrando o Filho. Então seguiu-se esta incisiva declaração — "Na verdade, na verdade vos digo, que quem ouve a Minha Palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida".

O reino de Cristo não está limitado pelo sepulcro; mesmo os mortos eram inteiramente dependentes d'Êle para sua salvação; e para os ouvidos espantados de Seus emudecidos acusadores, proclamou a solene verdade, que estava próxima a hora em que os mortos ouviriam a voz do Filho de Deus. Pondere Sua profunda afirmação — "Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão". O furor assassino dos judeus se conteve com a declaração de que sem Sua submissão não poderiam tomar Sua vida: "Porque como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo". Uma outra declaração foi igualmente portentosa: "E deu-Lhe o poder de exercer o juízo, porque é o Filho do Homem". Êle, o Filho do exaltado e glorificado Homem de Santidade e agora um Homem mortal,[r] deveria ser o juiz dos homens.

Êles se maravilharam com razão; jamais haviam ouvido ou lido tal doutrina; não era dos escribas nem dos rabinos, e nem das escolas farisaicas ou saducéias. Mas Êle reprovava seu assombro, dizendo: — "Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz, e os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação".[s]

Esta proclamação da ressurreição, expressada tão claramente que o mais iletrado podia entender, deve ter ofendido os saduceus presentes, pois enfàticamente negavam a realidade da ressurreição. A universalidade de uma ressurreição é afirmada indubitàvelmente nestas palavras; não apenas os justos mas também aquêles que merecem condenação deverão sair de suas tumbas com seus corpos de carne e ossos.[t]

Então, renovando Sua solene afirmação da unidade da vontade de Seu Pai e da Sua, Cristo se referiu sôbre os testemunhos de Sua obra. Admitiu o que era um princípio reconhecido da época, que não era suficiente o testemunho de um homem sem corroboração; mas adicionou: "Há outro que testifica de mim e sei que o testemunho que êle dá de mim é verdadeiro". Êle cita João o Batista, e lembra-os que enviaram uma delegação a êle, e que João lhes respondeu prestando testemunho do Messias; e João era uma luz brilhante e refulgente, em cujo ministério iluminante muitos haviam temporàriamente regozijado. Os hostis judeus tiveram que reconhecer que o testemunho de João era válido segundo sua mais estrita contração das regras de evidência. Porém, continuou, "não recebe testemunho de homem; eu tenho maior testemunho do que o de João; porque as obras que o Pai me deu para realizar, as mesmas obras que eu faço, testificam de mim, que o Pai me enviou. E o Pai que me enviou, êle mesmo testificou de mim".

Então, em têrmos de condenação inqualificável, Êle disse-lhes que não tinham a palavra do Pai, pois haviam recusado aceitar a Aquêle a quem o Pai tinha enviado. Direta e humilhantemente Êle admoestou a êstes homens versados na lei, êstes intérpretes dos profetas, êstes expositores profissionais das Escrituras Sagradas, a que se dedicassem a ler e estudar. "Examinai as escrituras — disse — porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam". Convictamente continuou — que aquêles que admitiam e ensinavam que nas escrituras se achava o caminho da vida eterna, recusavam vir a Êle, de quem aquelas mesmas escrituras testificavam, ainda que apenas vindo poderiam obter a vida eterna. "Eu não recebo glória dos homens — adicionou — mas bem vos conheço, que não tendes em vós o amor de Deus". Êles sabiam que procuravam honra entre os homens, recebiam honra uns dos outros, faziam-se rabinos e doutores, escribas e mestres, pela concessão de títulos e graus — todos de homens; mas rejeitavam a Êle, que vinha de um infinitamente maior que tôdas as suas escolas ou sociedades — Êle vinha no supremo nome do Pai. A causa de sua ignorância espiritual era indicada — êles confiavam nas honras dos homens, e não buscavam a honra da dedicação real à causa de Deus.

Êle falou da autoridade de julgamento que Lhe havia sido outorgada; agora explicou-lhes que não deviam pensar que Êle os acusava diante do Pai; um menos que Êle poderia acusar, mesmo Moisés, outra testemunha em

q. Leia o capítulo 14. Para uma justificativa posterior dêste ato de cura no Dia de Descanso, veja João 7:21-24.

r. Leia o capítulo 11. s. Compare Doutrina e Convênios 76-16, 17. Veja cap. 3. t. Veja capítulo 3.

quem professavam muita confiança — Moisés em quem todos diziam acreditar — e fazendo-os sentir a veemente impugnação, continuou o Senhor: "Porque se vós cresseis em Moisés, crereis em Mim; porque de Mim escreveu êle. Mas, se não crêdes nos seus escritos, como crereis nas Minhas palavras"? Tais eram as instruções iluminantes combinadas com a fervente denúncia de que êsses homens suscitaram por meio de sua fútil tentativa de culpar a Jesus por profanação do Dia de Descanso. Esta não era senão uma das muitas maquinações com as quais conspiravam determinadamente, tentando atacar como o estigma e invocar a penalidade estabelecida para os profanadores do Dia de Descanso a Aquêle que o havia decretado e que, na verdade, e efetivamente era seu único Senhor.

DISCÍPULOS ACUSADOS DE PROFANAR O DIA DE DESCANSO

Podemos proveitosamente considerar nesta conexão outros exemplos de boa obra feita pelo nosso Senhor nos Dias de Descanso; e isto podemos fazer sem desprezarmos a ordem cronológica. Nós novamente podemos encontrar Jesus na Galiléia, não importa se antes ou depois de Sua visita a Jerusalém no tempo da festa não identificada, em cuja ocasião fêz o milagre de cura no tanque de Betesda. Em certo Dia de Descanso, Êle e Seus discípulos andaram por uma seara[u] e, tendo fome, os discípulos co-

u. Mat. 12:1-8; compare Marcos 2:23-28; Lucas 6:1-5.

meçaram a colher algumas das espigas mais maduras e... comeram. Sua atitude não representara um furto, pois a lei mosaica explicava que ao passar por uma vinha ou seara de outra pessoa, era permitido arrancar uvas ou grão para matar a fome; mas era proibido usar a foice no campo, ou levar uvas num cesto.[v] A permissão referia-se apenas se fôsse para aliviar a presente necessidade. Quando os discípulos de Jesus se valeram dêste privilégio legítimo houve fariseus que os viram, e correram ao Mestre, dizendo — "Eis que os Teus discípulos fazem o que não é lícito fazer num Sábado". Os acusadores, sem dúvida, tinham em mente o decreto rabínico de que na verdade, alguns rabinos ilustres afirmavam que era pecado andar na grama no Dia de Descanso, visto que a grama poderia estar em semente, e pisar as sementes seria como a debulha de grãos.

Jesus defendeu os discípulos citando um acontecimento de muito mais importância precedente aplicável no caso. O Exemplo era o de Davi, que com uma pequena companhia de homens pediram pão ao sacerdote Ahimelec; pois estavam com fome e pressa. O sacerdote não tinha senão consagrado o pão, os pães da proposição que eram colocados no santuário periòdicamente, e que apenas os sacerdotes podiam comer. Em vista da condição de urgente necessidade o sacerdote deu o pão da proposição aos homens que tinham fome. Jesus também lembrou os críticos fariseus que os sacerdotes no templo regularmente faziam muito trabalho no Dia de Descanso, degolando as vítimas para o sacrifício e atendendo aos serviços gerais do culto e, sem dúvida, não eram culpados por motivos dos requisitos mais importantes de culto que exigiam tais obras; e adicionou com solene ênfase — "Pois eu vos digo que está aqui quem é maior do que o templo". Êle citou a palavra de Deus pronunciada através de Oséias, "Porque eu quero misericórdia e não o sacrifício",[z] e ao mesmo tempo repreendeu sua ignorância e seu zêlo ímpio dizendo-lhes que se soubessem o que significava aquela escritura não teriam condenado aos que não tinham culpas. Seja lembrado que "O Sábado foi feito por causa do homem e não o homem por causa do Sábado".[a]

Sua reprovação foi seguida pela afirmação de Sua supremacia pessoal: *"Assim, o filho do homem até do Sábado é Senhor"*. Que mais podemos concluir desta declaração, senão que Êle, Jesus, então presente na carne, era o Ser através do qual o Dia de Descanso havia sido ordenado, que tinha sido Êle quem havia dado e escrito o decálogo, incluindo "lembra-te do dia do Sábado para o santificar", e "o sétimo dia é o Sábado do Senhor teu Deus"?

COMPLÔ FARISEU

Novamente num Dia de Descanso, Jesus foi para uma sinagoga e viu na congregação um homem cuja mão direita era mirrada.[b] Havia fariseus presentes e êles olharam para ver se Jesus podia curar o homem, com o propósito de O acusar se o fizesse. Os fariseus perguntaram: "É legal curar no Dia de Descanso"? Nosso Senhor impugnou seu propósito pobremente disfarçado, perguntando: "É legal fazer bem no Dia de Descanso"? e estendeu a pergunta "ou fazer mal? Salvar vidas, ou matar?" Êles permaneceram calados pois a pergunta tinha dois sentidos. Responder afirmativamente teria sido justificar a obra de cura; a resposta negativa seria pôr-se ao ridículo. E fêz uma outra pergunta: "Qual dentre vós será o homem que tendo uma ovelha, se num Sábado ela cair numa cova, não lançará mão dela e a levantará? Pois quanto mais vale um homem do que uma ovelha"?

Como os fariseus não pudessem retrucar, Êle adicionou: "É, por conseqüência, lícito fazer bem nos sábados". Então disse ao homem de mão mirrada que ficasse diante da congregação. Em seu olhar penetrante e compreensivo se confundiam o pesar e o nôjo; mas, voltando-se compadecido daquele homem aflito, ordenou-lhe que estendesse sua mão. O homem obedeceu e a mão "ficou sã como a outra".

Os fariseus desconcertados se enfureceram e "ficaram cheios de furor", diz Lucas, e saíram e formaram conselho contra o Senhor. Tão profundo era seu ódio que se aliaram com os herodianos, uma facção política geralmente impopular entre os judeus.[c] Os governantes do povo estavam prontos para entrar em qualquer intriga ou aliança para empreender seu propósito manifesto de levar o Senhor Jesus a morte. Conscientes da determinação ímpia com Êle, Jesus saiu da localidade. Outras acusações de desrespeito ao Dia de Descanso feitas a Jesus pelos casuistas judeus serão consideradas mais tarde.[d]

NOTAS

1. *Requisitos rabínicos concernentes à observação do Dia de Descanso.* — "Nenhum aspecto do sistema judeu era tão marcante como sua extraordinária rigidez quanto à observação do Sábado, como um dia de completo descanso. Baseados no mandamento de Moisés, os escribas haviam formulado uma vasta lista de proibições e injunções, que compreendiam tôda a vida social, individual e pública, às quais impunham a tal extremo que levavam a uma caricatura ridícula. Foram prescritas leis prolixas quanto aos tipos de nós que poderiam ser realizados legalmente no Dia de Descanso. Eram ilegais os nós feitos ou desmanchados pelos cameleiros ou marinheiros. Um nó que podia ser desmanchado com uma só mão podia ser desfeito. Se permitia atar um sapato ou sandália, uma taça de uma mulher, um odre de vinho ou azeite ou uma panela de cozer carne. A jarra que se levava à fonte podia ser atada ao cinto do vestido, porém não com um cordel... Acender ou apagar o fogo no Dia de Descanso era um grande desrespeito ao dia, nem mesmo em caso de enfermidade se permitia violar as regras rabínicas. Era proibido administrar eméticos no Dia de Descanso — concertar um osso fraturado ou pôr no lugar uma junta deslocada, embora alguns rabinos, mais liberais, afirmavam que

v. Deut. 23:24, 25. x. Nota 3, no fim do capítulo.
z. Ose. 6:6; compare Miq. 6:6-9.
a. Marcos 2:27. Nota 4, no fim do capítulo.
b. Mat. 12:10-13; Marcos 3:1-6; Lucas 6:6-8.
c. Veja o fim do capítulo 6.
d. Veja Lucas 13:14-16; 14:3-6; João 9:14-16.

tudo o que punha em perigo a vida invalidava a lei do Dia de Descanso, 'porque os mandamentos tinham sido dados a Israel apenas para que pudessem viver por êles". — Geikie, Life and Works of Christ, cap. 38.

2. *A festa desconhecida.* — Muita discussão tem havido sôbre a festa particular referida em João 5:1, na ocasião em que Jesus curou o paralítico no tanque de Betesda. Muitos escritores afirmam que era Páscoa, outros que era uma festa de Purim, ou qualquer outra celebração judaica. A única aparência de importância relacionada com o assunto é a possibilidade de descobrir com êle, caso pudesse comprovar-se, algo da ordem cronológica dos eventos neste período da vida de nosso Senhor. Não sabemos que festa era esta, nem o ano ou ocasião do ano em que ocorreu. O valor do milagre efetuado nesta ocasião, assim como o discurso doutrinário que provocou, de forma alguma dependem da determinação de data.

3. *Os pães da proposição.* — Êste nome significa "pão da presença", significando que era colocado na presença de Jeová. O pão assim santificado consistia de doze unidades, feito sem levedura. Deviam ser depositados no Lugar Santo em duas colunas de seis unidades cada. Zenos, no *Standard Bible Dictionary*, escreve: "Era permitido que êles ficassem ali uma semana inteira, no término de cujo período eram removidos e comidos pelo sacerdote em terreno santo, isto é, dentro dos recintos do santuário. Para outras pessoas que não os sacerdotes, comer os pães da proposição era um sacrilégio, pois eram 'santos'". Veja Êxodo 25:30; Lev. 24:5-9; I Sam. 21:1-6.

4. *O Sábado foi feito para o homem e não o homem para o Sábado.* — Edersheim (vol. I, pp. 57, 58) diz: "Quando Davi, fugindo de Saul, 'sentiu fome' e por essa razão comeu o pão da proposição e deu-o a seus seguidores, embora pela letra da lei levítica êle devia ser comido apenas pelos sacerdotes, a tradição judia justificou sua conduta alegando que 'o perigo de vida sobrepujava a lei do Dia de Descanso', e, portanto, tôdas as leis que com ela se relacionavam... Na verdade, a razão porque Davi saiu sem culpa por ter comido o pão da proposição foi a mesma que tornava legal o trabalho dos sacerdotes. A lei do Dia de Descanso não era meramente para descansar, mas descansar para adorar. O objetivo a que se propunha era o culto do Senhor. Os sacerdotes trabalhavam no Dia de Descanso, pois o serviço prestado era o objeto do dia, e Davi teve permissão de comer o pão da proposição não sòmente porque havia perigo de vida, mas porque argumentou que estava a serviço do Senhor e precisava desta provisão. Da mesma maneira, os discípulos que seguiam o Senhor estavam a Seu serviço; e o serviço que dedicavam a Êle era maior do que o templo, porque Êle era maior do que o templo. Se os fariseus criam nisto, não teriam dúvida quanto à Sua conduta, não infringindo êles mesmos aquela lei superior que requeria a misericórdia e não o sacrifício".

A Missão Brasileira do Sul tem agora nôvo presidente

No dia 7 de agôsto grande número de membros, amigos e missionários reuniram-se no aeroporto de Curitiba para esperar a aterrizagem do Viscount da Vasp que deveria trazer o nôvo líder da Missão Brasileira do Sul e sua família, o Presidente C. Elmo Turner.

Alguns dos jornais da cidade anunciaram a sua chegada, publicando a entrevista com o nôvo presidente. "Queremos ajudar o povo brasileiro a ser feliz", foram estas as palavras pronunciadas por êle.

Foi oferecida uma recepção especial na Casa da Missão em Curitiba, ocasião em que o Presidente Turner teve oportunidade de encontrar-se com alguns membros que conheceu há muitos anos atrás quando fêz missão no Brasil.

No domingo, dia 9, realizou-se uma conferência especial para tôda a missão, com a presença do Presidente Finn B. Paulsen e família e o Presidente A. Theodore Tuttle das Missões Sul-Americanas.

O Presidente Turner nasceu em 26 de agôsto de 1924, na cidade de Bluffdale, Utah, EUA. Casou-se com Lois Evans em 21 de setembro de 1951, no Templo de Salt Lake. Têm cinco filhos: Randy Evans e Robin Elmo, Jill, Jean e Lisa. Fêz curso de especialização na Universidade de Brigham Young e formou-se professor pela Universidade Estadual de Utah. Ao ser chamado para Presidente da Missão exercia as funções de diretor da "Escola Butler". Serviu três anos no Pacífico, sendo líder do grupo de marinheiros santos dos últimos dias da Marinha dos Estados Unidos. Foi conselheiro na presidência da estada de West Jordan, tendo sido também membro do Sumo Conselho dessa mesma estaca e também da Escola Dominical.

Depois de todos os membros da família Paulsen terem se despedido, falou o ex-presidente. "Esta é uma terra escolhida" — disse. Admoestou os jovens a permanecerem no Brasil, trabalhando sempre para o engrandecimento do Reino. Falou ainda que deixava grandes amigos no Brasil e estava certo que a amizade que tinha era a mais pura, pois não se ligava a negócios ou dinheiro, mas residia apenas no mesmo objetivo, isto é, o amor e dedicação ao serviço do Pai Celestial.

Comentando palavras do Presidente Tuttle, disse que a Igreja de Jesus Cristo, graças à inspiração de seus líderes, age contràriamente a outras seitas religiosas do mundo que costumam deixar seus líderes nas mesmas posições até envelhecerem e tornarem-se incapazes de liderar. Na Igreja de Jesus Cristo, os líderes são sempre substituídos, para que todos experimentem a alegria de servir e obtenham progresso. "Espero que meu bispo, quando eu chegar em Salt Lake, me arranje logo um serviço. É bem provável que vai ser no quórum dos diáconos ou como professor da Escola Dominical."

O Presidente Paulsen foi nomeado pela Primeira Presidência para a Missão Brasileira do Sul em 1961. Durante os três últimos anos o número de conversos nos estados sulinos atingiu 4.260. Nesse período foram construídas e dedicadas quatro novas capelas e iniciada a construção de mais cinco.

O Presidente Finn B. Paulsen nasceu em Springfield, Idaho, e casou-se com Sara Broadbent no templo de Salt Lake em 26 de junho de 1946. Têm cinco filhos: David, Shauna, Margaret Ann, Susan e Louise.

Sacerdócio nas Missões

Dr. G. Homer Durham

Se eu fôsse você, estaria mais ou menos entre os doze e os dezoitos anos de idade. Vamos presumir que nascemos em 1950, o que nos faz ter, nesta ocasião, aproximadamente catorze anos. Aonde nos encontrará o ano 2000?

Poderemos, provàvelmente, olhar adiante com esperança pela saúde, por longo e útil serviço até o ano 2030 ou 2040. Veremos muitas, muitas mudanças; mais, talvez, do que qualquer outra geração. Uma nova era eletrônica começou em 1910, com a invenção da válvula eletrônica, por Lee de Forest.

Os últimos anos, desde 1961, viram o desenvolvimento do "raio da morte"*, o qual apresenta tão grandes e cada vez mais extensas possibilidades, que tôda a ficção científica atual está obsoleta.

Se eu fôsse você, eis o que faria para ser dedicado e feliz na presente geração:

1. Formaria e manteria o hábito da oração pela manhã e à tarde. Mais que nada, esta será a chave para abrir as melhores portas; a mola principal que o ajudará a continuar; e o compasso que o manterá no melhor caminho.

2. Eu honraria minha família, pais, irmãos, enfim, todos. A família é a maior instituição educacional, especialmente nos primeiros anos. Sua família talvez não seja a melhor entre as famílias. Se êsse fôr o caso, faça o máximo para abençoá-la, sendo uma ajuda para todos os seus membros.

Qualquer que seja sua família, você ganhará mais benefícios em amor, educação e experiência dela, do que de qualquer outra associação.

Se êste é um pensamento desencorajante, e vai ser para alguns, não fique desanimado. Não inveje os filhos ou os membros de outras famílias. Não faça duras comparações contra a família com a qual você tem sido abençoado. Apoie-a, honre seus pais. Quando você deixar o seu lar, faça qualquer mudança necessária na família que você e sua espôsa criarão. Vocês descobrirão que geralmente exigirão de si próprios, além de sua habilidade em fazer quase tudo tão bem. Entrementes, cumpra seus deveres familiares e cumpra-os bem.

3. Como a família é o maior e o cotidiano meio de ajuda e, por conseguinte, de crescimento e preparação, simultâneamente responderia por qualquer chamado de ajuda na Igreja, incluindo o serviço missionário. Se os chamados não são feitos para você, mas para outros, fique agradecido e "ansiosamente comprometido" em cumprir seus deveres. Como nossa canção diz: "Há chances para trabalhar em todo lugar... oportunidades bem no nosso caminho; não as deixe passar, dizendo: 'algum dia eu tentarei', mas vá e faça alguma coisa hoje".

A maior escola para desenvolvimento realizador que eu jamais participei, depois da família, tem sido a Igreja. Isto porque a própria Igreja fornece experiência educacional. Mas, mais do que isto, ela estimula e encoraja todos a continuarem a buscar progresso e insistir na universidade e trabalho colegial.

Você o encontrará do mesmo modo, especialmente se está procurando meios de ajudar os outros e esquecer de si mesmo.

4. Eu faria qualquer sacrifício financeiro para obter tôda a educação formal que desejasse e da qual poderia ter proveito. As normas são mais fortes hoje, do que antes, tanto que o homem não pode ser mantido na ignorância; Na verdade, se êle é mantido na ignorância, indigência, doença e erros, não tão rápido êle ganha conhecimento. Assim, eu estudaria, estudaria, estudaria.

5. Eu desenvolveria, como conseqüência do mencionado acima, seguros hábitos profissionais, procurando tornar-me independente tão cêdo quanto possível. Pagamento regular de dízimos, dos ganhos de sua primeira tarefa ou outro emprêgo, abrirá as janelas do céu e ajudará a mantê-las abertas.

6. Eu gostaria de relembrar, quase diàriamente, o Juramento e Lei dos Escoteiros, apesar dos anos, juntamente com outras grandes máximas da Igreja. Você um dia encontrará a companheira de sua escolha e com sua inteligência e apôio, vocês poderão, assim, ir adiante, de mãos dadas, para o seu próprio destino.

7. E agora, a palavra final: *Se eu fôsse você,* tentaria sempre relembrar a escritura, que "... vida é mais do que alimento, corpo é mais do que vestuário". (Lucas 12:23). Com sua fé e sua educação, cultive a música, literatura, arte, coisas "agradáveis e instrutivas", no seu lar, especialmente música. Encorajaria meus filhos a tomar aulas de música. O som da música no lar, permanecerá na memória dos membros da família, onde estiverem. Despenderia algo dos meus ganhos em livros, revistas e outro tipo de comida para a alma, tanto como pão. "Nem só de pão vive o homem".

Em síntese, esforçar-me-ia em fazer do meu lar, mesmo modesto, um templo de beleza, cultura, educação e fé religiosa, uma verdadeira posição elevada do Reino de Deus.

* *"Raio da morte",* espécie de aparelho que possibilita examinar o interior dos corpos, especialmente minérios, através de um facho de luz".

NOTA BIOGRÁFICA

G. HOMER DURHAM é presidente da Universidade Estadual do Arizona e editor contribuinte da "The Improvement Era". Anteriormente foi vice-presidente da Universidade Estadual de Utah, Colégio Swarthome e UCLA e consultor da Universidade da Pensilvania, Universidade de Nevada e Universidade de Montana. O Dr. Durham foi o último presidente da American Society para Administração Pública e Associação Política Ocidental. Fêz missão na Grã-Bretanha.

NOTICIAS

■ Foi anunciado recentemente pela Primeira Presidência da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias que bem logo os missionários mórmons estarão na Bolívia para iniciar o trabalho de proselitismo naquele país. La Paz e Cochabamba serão as primeiras cidades a receber a pregação do evangelho, que será feita inicialmente por alguns dos missionários que servem atualmente na Missão Andina. Essa missão conta com cêrca de 160 missionários norte-americanos, muitos dos quais serão possìvelmente chamados para ocupar posições no nôvo campo de proselitismo. O Presidente Sterling Nicolaysen, da Missão Andina, será o encarregado da Igreja na Bolívia.

■ No Pavilhão Mórmon da Feira Mundial há um grande número de obras de arte, as quais são de escultores e pintores famosos. Entre os trabalhos artísticos que lá se encontram em exibição, inclui-se uma réplica de Cristo, uma do anjo Moroni e várias ampliações que mostram Joseph Smith, no bosque sagrado; uma estátua em tamanho natural representando Adão e Eva e muitos murais com figuras destacadas da história da religião cristã. De interêsse especial é também o mural de quatro metros de comprimento que representa Cristo e os Doze Apóstolos, de autoria de Harry Anderson.

■ No dia 9 de maio último realizou-se o casamento dos irmãos Jorge Aoto, de Curitiba, e Nilza Guimarães, de Pôrto Alegre. A bênção matrimonial foi dada pelo ex-Presidente Finn B. Paulsen, da Missão Brasileira do Sul.

Mensagem dos Mestres Visitantes para Novembro

JEJUM E OFERTA

O jejum como uma prática religiosa data desde o princípio dos tempos. Não se sabe, entretanto, a ocasião exata em que foi instituído. Era praticado antigamente pelo povo do Senhor nos tempos do Velho Testamento. Foi também observado pelos nefitas, depois de sua chegada neste continente. (Alma 6:6) O jejum foi ensinado pelo Salvador no Meridiano dos Tempos. (Mat. 6:18) Foi restaurado nesta dispensação através do Profeta Joseph Smith. (D&C 88:76)

O jejum, como um mandamento, deve ser observado no primeiro domingo de cada mês, a não ser que seja designado de outra forma. É realizado em quatro passos progressivos — a. jejuando, b. orando, c. adorando, d. ofertando. Consiste da abstenção de comida. Inclui oração em segrêdo e união em oração e adoração. O climax do jejum é alcançado na Reunião de Jejum, onde expressamos gratidão por nossas bênçãos. O passo final é doar ao ramo o equivalente ao custo da comida economizada para o benefício dos pobres dignos.

Nesta dispensação o Profeta Joseph Smith introduziu o jejum quando os santos em Kirtland estavam em dificuldade. Os membros foram exortados a jejuar e contribuir com a comida assim economizada para distribuição aos pobres. O jejum é um mandamento tão obrigatório quanto qualquer outra lei do evangelho. É esperado de nós que nos privemos de partilhar de comida e água por duas refeições consecutivas e então paguemos o equivalente ao custo da comida economizada como uma oferta de jejum. O Senhor foi claro ao se referir àqueles que desejam partilhar de sua abundância com os pobres.

"Portanto, se qualquer homem tomar da abundância que fiz e, de acôrdo com a lei do evangelho, não repartir a sua porção com os pobres e os necessitados, êle, com os iníqüos, erguerá os seus olhos no inferno, porque estará em tormento." (D&C 104:18)

Devemos ser tão conscienciosos no pagamento desta oferta quanto somos no pagamento do dízimo. Se demonstramos boa vontade de partilhar as abundâncias com as quais o Senhor nos tem abençoado, há menos chance de ficarmos em necessidade. A honestidade no pagamento da oferta de jejum aumentaria substancialmente êste fundo, possibilitando, dessa maneira, que a Igreja dê assistência a todos os pobres dignos.

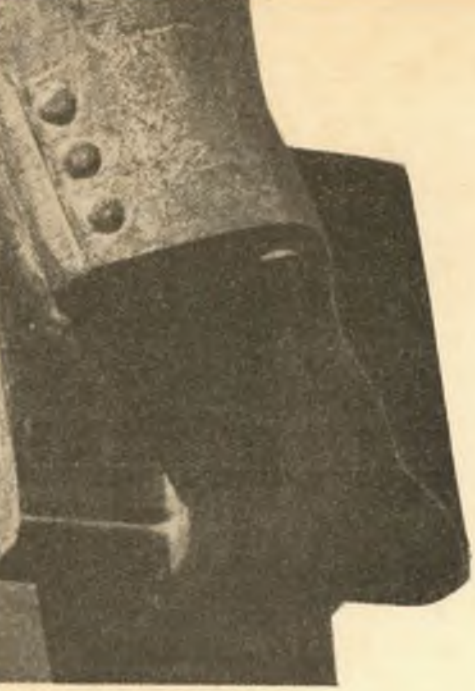
Através do jejum, nós, os doadores, e aquêles que são os recipientes de nossas doações, somos abençoados. Suas aflições são aliviadas e nós somos fortificados. O jejum é um treino de disciplina. Quando jejuamos objetivamente é mais fácil nos aproximarmos das coisas espirituais e, assim, alimentarmos nosso íntimo. Algumas das maiores realizações espirituais foram alcançadas durante o jejum. Espera-se que os pais ensinem seus filhos a guardar esta lei.

"Meus jovens amigos, foi-me perguntado o que entendo por *palavra de honra*. E eu lhes explicarei Coloquem-me atrás dos muros de uma prisão, muros de pedra muito altos e espessos — há possibilidade que, de um jeito ou de outro eu seja capaz de fugir, mas, ponham-me no chão e desenhem um risco de giz ao meu redor, tendo eu dado minha palavra de honra que nunca o ultrapassarei. Posso fugir daquêle círculo? Não, nunca! Eu morreria primeiro!"

Karl G. Maeser

HONRA

Extraído de
The Improvement Era



"Qualquer que seja o dever que me atribuiste, antes morrer que esquecê-lo."

SOCRATES

"Para mim, a coisa mais elevada depois de Deus é minha honra."

LUDWIG VAN BEETHOVEN

"Nunca considere coisa de valor o que lhe fizer quebrar sua palavra ou perder o respeito próprio."

MARCO AURÉLIO

Os grandes personagens da história têm falado muito a respeito de honra. Mas dizer não é necessàriamente fazer. Reiterar um penhor, expressar um credo, fazer uma promessa com a frase por minha honra", isto sim, é algo sublime, um bonito empenho, um nobre alvo. No entanto, dizê-lo não é fazê-lo. Praticá-lo, sim.

A honra influi na sua vida através de uma determinante e profunda vontade de fazer o que parece bom e certo para si, a despeito das circunstâncias — não importa o que! Sua consciência é seu guia; A sensação de vergonha e tormento é a sua punição por agir contra seu senso de honra, por desviar-se do próprio ideal.

Honra é mais do que dever. E' mais do que respeito próprio. E' melhor do que a reputação do homem. E' mais do que a "magnanimidade" de Aristoteles. Ela vai além da virtude e governa a vaidade. Faz par com a coragem.

Ser honrado é ser religioso.

Sermos religiosos é nosso derradeiro objetivo, nossa promessa de máxima felicidade.

Para ajudá-lo nos seus esforços em se tornar "mais semelhante a Êle", damos-lhe esta publicação como ponto de partida na sua busca em fazer da honra, parte de sua vida. . .

CREMOS

Presidente David O. McKay

O homem que é verdadeiramente honesto com seu Deus é honesto com seu próximo. A integridade pessoal é simplesmente despretenciosa, honestidade diária, sobriedade e respeito pelo direito do próximo, são coisas que fazem ganhar a confiança dos outros.

Encorajando o bem nos outros, você melhorará sua própria alma. Aquêle que procura o bem o encontrará. O indivíduo que proteje o bom nome dos outros, tornará mais brilhante o seu próprio nome.

A verdadeira virtude é possuída por aquêle que firme e integralmente proteje a honra e o bom nome dos seus amigos e associados. É o melhor de si mesmo se expressando.

A desonestidade é uma doença espiritual. O homem que rouba está tentando sua alma a ser impedida de crescer na perfeita estatura de Cristo. Portanto, cresçamos juntos como indivíduos; sejamos homens de Deus, puros e contritos.

O teste real de qualquer igreja ou religião é o tipo de homens que conseguem desenvolver.

Uma das orientações básicas da Igreja são as Regras de Fé. Estudemos juntos uma parte da décima terceira:

"Cremos em sermos honestos" — a virtude fundamental de todo caráter. A honestidade e sinceridade são as virtudes básicas de um caráter nobre.

"Cremos em sermos verdadeiros" — verdadeiros para nós mesmos. Aquêle que é desonesto consigo mesmo não pode obter favores de seu próximo. O homem que é desonesto consigo mesmo também é desonesto com aquêles que merecem bondade. Ser honesto consigo mesmo significa ser verdadeiro para o melhor que há em nosso íntimo, não o mais inferior, nem o mais humilde, mas o mais puro, para que se consiga atingir o mais alto ideal.

"Cremos em sermos honestos, verdadeiros, castos" — a castidade é o alicerce da virilidade do homem. A castidade, e não a indulgência, contribui para a virilidade. A natureza permitirá que essa energia se descarregue no intelecto ou mesmo em outras fontes. A castidade é a virtude que contribui para a paz e harmonia da vida.

"Cremos em sermos honestos, verdadeiros castos, benevolentes" — benevolentes de coração, beneficientes. "Cremos em fazer o bem a todos os homens."

São êstes os elementos que contribuem para um grande caráter, especialmente quando você junta a êles fé em Deus, o qual você reconhece como Onisciente, Onipresente, que é nosso Pai e que nos pede para contribuir para a glória, não importa quantos mundos já criou. Foi por isso que Êle disse: "...esta é a Minha obra e Minha glória — a imortalidade e a vida eterna dos homens." (Moisés 1:39)

HONRA E VOCÊ

Você ja considerou:

que significa quando você diz: u minha palavra de honra?"

Que tipo de esfôrço é necessário se você quer diplomar-se com "honra ao mérito"?

Qual deve ser sua atitude se freqüentar uma escola que opera com o "sistema de honra".

tipo de promessa você faz quan- epete "por minha honra o farei?"

Que tipo de sucesso escolar você deve ter para passar nos vestibulares com "honra"?

Qual deve ser seu comportamento se quiser obedecer o mandamento "honra teu pai e tua mãe"?

ANTES TARDE DO QUE NUNCA

por Frank E. Call

Há cinqüenta e cinco anos atrás eu morava em uma pequena colônia de mórmons, no Estado de Chihuahua, México. Meu pai possuia uma pequena mercearia e eu, embora suficientemente grande para vigiar o balcão, ajudava o balconista.

Haviam-me ensinado reverência para com a verdade e honestidade; que roubar era um dos pecados mais baixos e que mentir era ainda pior; mas num momento de fraqueza cometi ambos. Estava sòzinho, quando um freguês que eu conhecia bem entrou e comprou bananas. Naquele tempo as bananas vinham em cachos e não cortadas como agora. Êste cacho, pesando aproximadamente trinta e cinco quilos, estava pendurado por uma corda. As bananas eram cortadas dos cachos de acôrdo com a vontade do freguês. Nesta ocasião, o canivete usado para cortar estava fora do lugar, assim, o freguês, Elmer Thayne, me ofereceu o seu. Depois que Elmer saiu, encontrei o canivete no balcão. Peguei-o e verifiquei que estava bem nôvo. A lâmina era comprida, fina, brilhante e afiada como as navalhas. Ao tomá-lo em minha mão, dei o primeiro passo na direção errada, quebrei um dos dez mandamentos. Desejei aquêle canivete. Fechei-o na mão. Então eu o pus em meu bôlso, e pensei: "Elmer não vai se lembrar onde o deixou, assim, ficarei com êle." Mas Elmer sabia onde o havia deixado e voltou para buscá-lo. Eu ainda estava sòzinho, mas já tinha começado a pensar nêle como meu e não estava pretendendo abandonar a idéia. Assim, quebrei mais um mandamento. Menti. Neguei que estava com o canivete. Naturalmente, Elmer sabia que estava comigo, mas foi embora sem êle. Então, deixei de cumprir um outro mandamento. Roubei.

Pouco depois disto e antes que houvesse me arrependido completamente, perdemos nossa casa no México durante a revolução, e nunca mais vi Elmer até há dois anos atrás, quando visitei uma cidadezinha do México, onde moramos e onde Elmer, agora já velhinho, arcado pelos anos e parcialmente inutilizado pelo reumatismo, ainda vive. Fui visitar Elmer. Naturalmente, êle havia se esquecido do caso do canivete, mas eu não. De fato, êsse incidente me havia perturbado todos os anos intervenientes. Tentei ardentemente, mas não consegui esquecer que havia cometido um pecado com relação aos padrões da Igreja, os ensinamentos de meus pais e indigno possuidor do Sacerdócio Menor. Perdi aquêle canivete e possui e perdi vários outros. Tive canivetes bons e maus, pequenos e grandes, mas todos me faziam lembrar do canivete de Elmer e o que havia feito.

Embora Elmer não se lembrasse do incidente, recordava-se, porém, da pequena mercearia e de meu pai — de quem falou bem. Êle também se lembrava do pequeno garôto que costumava trabalhar atrás do balcão. Relatei-lhe a história do canivete e o remorso que senti todos aquêles anos; então, presenteei-lhe com um canivete com cabo de madrepérola, que havia levado comigo com êsse propósito. Elmer olhou-me delicadamente, aceitou-o e num piscar de olhos disse: "Irmão Call, por favor, aceite êste canivete como um presente meu".

Âncora para Nossas Almas

Por *Joseph Fielding Smith,*
do Quorum dos Doze Apóstolos

Fui treinado desde o bêrço, a amar o Profeta Joseph Smith e meu Redentor. Nunca cheguei a conhecer minha avó, o que sinto muito, pois foi uma das mulheres mais nobres que já viveu na terra. Mas conheci sua irmã, Mercy Thompson e quando ainda menino, costumava visitá-la, sentar-me em seu joelho e ouvi-la contar histórias sôbre o Profeta Joseph Smith. Como agradeço essa experiência!

Sei que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é verdadeiramente o Reino de Deus. O mesmo reino que fôra visto por um grande rei, bem antes do nascimento de Jesus Cristo, em sonho ou visão que recebera, para que fôsse interpretado por um profeta de Deus; no qual o Senhor disse ao rei, não para seu próprio benefício, mas para o proveito de tôdas as nações da terra, principalmente os Santos dos Últimos Dias, nesta última dispensação, que o senhor estabeleceu um Reino, que duraria para sempre e que nunca seria destruído ou dado a outro povo. Sou bastante grato pelo testemunho dado a mim pelo Espírito Santo, de que Joseph Smith, o Profeta de Deus, foi chamado para restaurar a Igreja na Dispensação da Plenitude dos Tempos. Isso deve ser uma âncora para nossas almas.

Existem muitas pessoas que às vêzes deixam a Igreja para formar suas próprias organizações, dizendo que o Reino de Deus já caiu, e que têm coisa melhor. Tenho pena de tais pessoas. Não posso acreditar que algumas delas sejam sinceras, mas se o forem, sinto muito por elas, mas mesmo assim ainda acho que são enganadoras, tentando destruir o Reino de nosso Deus.

Tôdas as pessoas que entram para esta Igreja através das águas do batismo, recebem o Espírito Santo pela imposição das mãos, para receber um guia para tôda a eternidade. Gostaria de saber quantas dessas pessoas que são batizadas e confirmadas membros desta Igreja, têm sido dignas de ter a companhia do Espírito Santo, de receber um testemunho dado por êsse mesmo espírito, que Joseph Smith foi um profeta de Deus, Brigham Young seu sucessor e que todos que o seguiram foram chamados por Deus, como o é Presidente David O. McKay hoje.

A Igreja não se desviou de seu caminho. O Reino de Deus estabelecido na terra para nunca mais ser tirado, é a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; nunca mais será destruída, nem mesmo dada a outro povo.

Haverá na Igreja alguns membros que se desviarão do caminho, por falta de fé ou obediência aos mandamentos de Deus; pois o Espírito Santo não habita em templos impuros. E se uma pessoa se desviar do caminho por fraqueza, êsse mesmo Espírito não mais ficará com ela, mas o espírito do êrro, da ignorância e do mal, tomarão seu lugar.

Queridos irmãos, ensinem seus filhos desde a infância, a amar a Cristo como o Redentor, Joseph Smith como um Profeta de Deus, e seus sucessores como profetas verdadeiros; que cresçam com o conhecimento destas verdades em seus corações, baseados na fé e obediência aos mandamentos a nós dados através do Espírito Santo, que não habita em templos impuros.

Que o Senhor os abençõe; que nada interfira em sua fé; pois se cumprirem os mandamentos do Senhor e forem fiéis, não se esquecendo da oração humilde, jamais se afastarão da verdade. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

O GUARANÁ

Esta é uma resposta a sua carta datada de 26 de agôsto de 1964, requerendo informações sôbre o "guaraná".

Informação sôbre o guaraná digna de consideração é encontrada no United States Dispensatory, 26ª edição, p. 1709, publicado pela J. P. Lippincott Co., e no The Merck Index, 7ª edição, p. 502, publicado pela Merck e Company, Rahway, New Jersey. Caso não seja possível localizar tais obras em sua região, a informação a seguir pode ser-lhe útil.

De acôrdo com o The Merck Index, o guaraná é uma pasta úmida consistindo principalmente das sementes de paullinia cupana moída e não contém menos de 4% de cafeína, cêrca de 5% de ácido catechtânico, 3% de catecol, resina, saponina, amido e gordura. O The United States Dispensatory indica que os efeitos do guaraná sôbre o corpo são principalmente aquêles de seu alcalóide, embora contenha suficiente tanina para apreciável influência. A referência indica ainda que como remédio não deve ser receitado por ser muito estimulante para ser usado como adstringente, e também muito adstringente para ser boa forma de administrar cafeína. No entanto, tem sido ocasionalmente prescrito em conexão com analgésicos para alívio de dôr de cabeça.

Nota: *Esta carta é resposta a uma consulta feita pelo irmão Von Pratt, do Ramo de Campinas ao Departamento de Saúde, Educação e Bem-estar dos Estados Unidos.*

—●—

A verdade do evangelho não é uma verdade até que você a viva. Você não acredita realmente no dízimo até que o pague. A Palavra de Sabedoria não é uma verdade do Evangelho até que você a guarde. O Dia de Descanso não é um dia santo até que você o observe. O casamento no templo não significa nada, a menos que você seja casado no templo. Um amigo não é um amigo, a não ser que você o defenda.

Élder Harold B. Lee

Liderança reúne-se em São Paulo

Nos dias quinze e desesseis de agôsto último, reuniram-se em São Paulo todos os membros das presidências de ramo e distritos da Missão Brasileira, tendo as reuniões realizadas sido presididas pela Presidência da Missão e pelo Presidente A. Theodore Tuttle, das Missões Sul-Americanas, totalizando aproximadamente cento e vinte líderes.

Êsses dois dias inteiros foram ocupados para reuniões e discussões, havendo interrupções apenas para descanso ou para refeições.

Nessa oportunidade cada presidente de distrito pôde colaborar com um tanto de sua experiência, dando instruções e introduzindo programas que vêm sendo planejados pela Missão Brasileira.

Entre os temas apresentados na conferência podemos citar: Comunicação, Como usar os membros na sua organização, Integração, Como usar o Sacerdócio Aarônico com caminho para o Sacerdócio de Melquizedeque, Como fazer uma reunião de presidência de ramo, Construção, O presidente do ramo como pastor do rebanho, Inspiração para os dias futuros, Dízimo etc.

Tôdas as discussões estiveram interessantíssimas e temos certeza de que os presentes puderam realmente aproveitar o tempo que passaram em São Paulo.

Os líderes ficaram alojados em casa de membros residentes na cidade e as refeições foram preparadas pelas senhoras da Sociedade de Socorro dos distritos de Tietê e São Paulo.

Além das conferências, realizadas na capela de Santana, foram passados dois filmes, sendo um dêles "Janelas dos céus", já visto por alguns dos irmãos.

Presidentes: A. T. Tuttle, Missões Sul-Americanas; João Antonio Dias, Dist. do Rio de Janeiro; W. M. Beck, Missão Brasileira; Joaquim Martinez, Dist. de Santos; Leonel Abacherli, Dist. de Tietê; Hélio da Rocha Camargo, 1º Cons. da MB; José Lombardi, 2º Cons. da MB; Élder Robert Layton, Dist. de Bauru; Walter Rocha Cardoso, Dist. de Belo Horizonte; e Walter Spat, Dist. de São Paulo.

Pecus-pecúnia

Não sei se existe outro animal que tenha exercido maior influência nos destinos da humanidade que o boi. Desde os registros mais antigos que se conhecem de culturas perdidas no passado, lá se encontra, geralmente, representado em desenho, ou referido em letras e símbolos, o boi.

Alimento para crianças e adultos, vestuário e proteção para a guerra, equipamento de tôda natureza e finalmente fôrça para a tração de cargas pesadas, tudo se obtinha do vigoroso animal.

Tão importante se tornou êle na economia dos povos antigos, e tão universalmente se fêz reconhecido seu valor, que chegou a se transformar em instrumento geral de trocas: a primeira "moeda" utilizada pelo homem. Todos os bens materiais eram avaliados, para fins comerciais, em relação ao seu valor em bois.

Finalmente o próprio nome latino do animal — pecus, passou a designar "valor de troca" — valor pecuniário; de onde "pecúnia" ficou sendo o nome de qualquer instrumento de troca utilizado desde aquela época: o próprio nome do dinheiro.

Provàvelmente foi êsse mesmo valor que os antigos atribuiam ao boi, que tornou tão popular a sua divinização, e passaram a adorá-lo sob várias invocações. Nem mesmo o povo de Israel estêve imune a essa influência, e copiando o culto egípcio do boi, o povo de Deus, ao pé do monte Sinai fêz para si um bezerro de ouro e trocou o Senhor dos Exércitos, o Deus de Abraão, de Isaaque e de Jacó, por seu deus-pecuniário de recente feitura.

Coisas do passado, diríamos nós. E ficamos impressionados com a ignorância e descrença daquela gente, capaz de substituir o Senhor Jeová que os tirara da terra da servidão, pelo seu nôvo deus-bovino. Felizmente, pensamos, vivemos numa era de muito maior cultura e desenvolvimento e estamos livres da escuridão mental e espiritual que levou os antigos à adoração do deus-bezerro.

Será realmente verdade?

Os povos primitivos mediam o valor das coisas em bois, e do reconhecimento da importância do animal como instrumento de trocas, passaram à sua adoração: adoradores do boi, adoradores do dinheiro!

Que diríamos nós, dos dias que correm?

Pouco tempo atrás um lider da Igreja observou que as nossas reuniões seriam certamente muito mais concorridas se pagássemos Cr$ 10.000,00 a cada assistente. Certamente êle estava exagerando, e foi prontamente corrigido por alguém da congregação, com a afirmativa de que não seriam necessários nem Cr$ 1.000,00 por reunião, para superlotar as salas, os corredores, os pátios, os jardins e tôdas as ruas adjacentes, por vários quarteirões.

Existirão de fato muito mais adoradores do bezerro-de-ouro do que do Deus verdadeiro?

Conversando com membros da Igreja tenho observado que mesmo êles, algumas vêzes, parecem confiar mais no parco dinheiro que têm no bôlso do que na fôrça e valor das promessas de Deus. Até entre os que não ganham mais que o simples salário-mínimo é possível encontrar os que manifestam mais confiança em 10% de seu magro ordenado, que na palavra do Senhor.

E você, meu caro leitor, em que posição se coloca? Acha que o culto do bezerro-de-ouro, o culto pecuniário é realmente coisa do passado? Não andará êle muito mais em voga hoje do que em qualquer outra época do passado? E quanto a você próprio, como tem agido? Entrega confiantemente seus dízimos ao Senhor e tem fé n'Êle, ou prefere adorar o dinheiro, o deus-pecúnia, o bezerro-de-ouro dos antigos?

Na mão de Deus

Na mão de Deus, na Sua mão direita,
Descansou afinal meu coração.
Do palácio encantado da Ilusão
Desci a passo e passo a escada estreita.

Como as flôres mortais, com que se enfeita,
A ignorância infantil, despojo vão,
Depus do Ideal e da Paixão
A forma transitória e imperfeita.

Como criança em lôbrega jornada,
Que a mãe leva no colo agasalhada
E atravessa, sorrindo vagarosamente,

Selvas, mares, areias do deserto...
Dorme o teu sono, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

UTAH POR QUATRO DIFERENTES ROTAS...

VARIG SERVINDO OS **ESTADOS UNIDOS** POR QUATRO DIFERENTES ROTAS. PARA **LOS ÂNGELES, MIAMI** E **NOVA YORK** – COM OU SEM ESCALAS – A **VARIG** TEM SEMPRE UM JATO PARA LEVÁ-LO A QUALQUER UMA DESTAS CIDADES. ATRAVÉS DO BOEING 707 OU DO CONVAIR 990A, O SR. ENCONTRARÁ IMEDIATAS CONEXÕES PARA **UTAH** OU PARA QUALQUER OUTRA LOCALIDADE DOS ESTADOS UNIDOS.

VARIG

RÊDE AÉREA INTERNACIONAL

COOPERE COM O ESFÔRÇO DO GOVÊRNO POUPANDO DIVISAS. VIAJE PARA O EXTERIOR PELA VARIG – A PIONEIRA

UTAH
LOS ANGELES
NEW YORK
MÉXICO
MIAMI
S. DOMINGO
PANAMÁ
CARACAS
BOGOTÁ
BELEM
LIMA
RECIFE
SÃO PAULO
RIO
ASUNCIÓN
P. ALEGRE
B. AIRES
MONTEVIDÉO